O GODOT DA EDUCAÇÃO: NEGANDO A ESPERA E PROLIFERANDO AS POSSIBILIDADES

EL GODOT DE LA EDUCACIÓN: NEGANDO LA ESPERA Y PROLIFERANDO LAS POSIBILIDADES

Luiz Magno Marques de Abreu*

RESUMO:

Para quem e a quem serve a filosofia? Essa audaciosa pergunta nos conduz ao questionamento de uma identidade estabelecida na representação de atores muito bem determinados em seus papéis. Aplicada ao contexto escolar, a filosofia, bem como seus representantes, tem contribuído para a proliferação e efetivação de possibilidades criadoras de conceitos, saídas e resistência às sociedades de controle, ou colaborado com a colonização a favor da subordinação das diferenças à identidade? Aos postulados de representação, esta comunicação oferece proposições, articulações e contradições ao pensamento conceitual puramente racionalista que tem dominado o rumo da disciplina filosófica. Combatendo o reducionismo segregador do conceito de educação, articulando um possível entrelaçamento da Filosofia com uma pedagogia emancipatória e conflitiva como possibilidade de descolonização da falsa univocidade inexorável da tradição educacional e filosófica, questionamos o sentido do ensino de filosofia, à maneira como o temos realizado, num mundo que o nega e o obscurece. Por uma filosofia menor, apresentamos esta comunicação aos “Godot’s” da academia.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Filosofia. Descolonização. Diferença. Representação. Experiência de Pensamento.

RESUMEN:

¿Para qué y quién sirve la filosofía? Esta audaz pregunta nos conduce al cuestionamiento de una identidad establecida en la representación de actores muy bien determinados en sus papeles. Aplicada al contexto escolar, la filosofía, así como sus representantes, ha contribuido a la proliferación y efectividad de posibilidades creadoras de conceptos, salidas y resistencia a las sociedades de control o colaborado con la colonización a favor de la subordinación de las diferencias a la identidad? A los postulados de representación, esta comunicación ofrece proposiciones, articulaciones y contradicciones al pensamiento conceptual puramente racionalista que ha dominado el rumbo de la disciplina filosófica. En la lucha contra el reduccionismo segregador del concepto de educación, articulando un posible entrelazamiento de la Filosofía con una pedagogía emancipatoria y conflictiva como posibilidad de descolonización de la falsa univocidad inexorable de la tradición educativa y filosófica, cuestionamos el sentido de la enseñanza de filosofía, a la manera como lo hemos realizado, En un mundo que lo niega y lo oscurece. Por una filosofía menor, presentamos esta comunicación a los "Godot's" de la academia.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza de Filosofía. Descolonización. Diferencia. Representación. Experiencia de Pensamiento.

* Graduando em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), desenvolve pesquisa na área de Educação: Filosofia da Educação e Ensino de Filosofia. Atualmente, é professor de filosofia e sociologia na rede privada de ensino. E-mail: luiz.mmabreu@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um país marcado pela violência da colonização do intelecto e dos corpos, lugar simbólico e real, onde aprendemos a cultivar nossas correntes. Por meio desse aprisionamento cognitivo, corpóreo, político, econômico e cultural, encontramos-nos, nós brasileiros, na cotidianidade do pensamento e dos dispositivos da fala, severamente marcados por esse fato. No entanto, a fatalidade atribuída ao processo de domesticação do povo tupiniquim pode ser confundida com uma inexorabilidade e, portanto, legitimação de nossa submissão frente ao imperialismo europeu e à condução do outro sobre nós? Sob quais perspectivas podemos constatar o fio do colonizador guiando títeres na escura alienação dos fatos e na sublimação da vida? Quais são os interesses da colonização histórica do discernimento por parte dos próprios “discernidos”? Ou seja, para quê e a quem serve a filosofia?

Educar significa, necessariamente, colonizar? Sabemos que a filosofia é uma disciplina de emancipação humana. Será? Haveria poder maior do que este: libertar para a escolha? E quando adquirimos esse poder desejamos libertar o outro, ou, muitas vezes, nos achamos acima do mundo e de lá governamos nossos despotismos? Filosofar significa buscar a verdade ou encontrá-la? Poderemos resistir à tentação do “saber”, fruto proibido no fundo do jardim do Éden? O que leva alguém a estudar filosofia? E o que o faz perder-se no caminho de sua busca? Quando comeram o fruto proibido, Adão e Eva se envergonharam de seus corpos, negaram sua nudez, (re)vestiram-se, procriaram com suas próprias crias, redundaram eternamente em sua prole. O filósofo, de alguma maneira, não tem feito o mesmo? Ensinar filosofia não tem sido reproduzir a história que todo filósofo finge negar? Incesto. Palavra feia. “Que santo Hegel nos proteja!”.

Que fique claro, não defendemos aqui uma antiapologia à filosofia, pelo contrário, sustentamos antes um compromisso para com ela. Por creditar no poder dessa disciplina uma força subversiva, contrária à dominação, é que questionamos sua abordagem no contexto da representação escolar. Não aceitamos a sua domesticação aos interesses ideológicos corruptos que, dominando-a, transmite através de sua boca um discurso que não lhe pertence. Mas não somos ingênuos o suficiente para acreditar que aquele que ensina ética seja o mais ético dos homens, e queremos saber, saber para disseminar o poder, não para retê-lo em nossas mãos; por que professores de filosofia, ainda hoje, insistem no lugar-comum do ensino?

1 O TEATRO COMO METÁFORA

Estamos acomodados. Em nossas cadeiras assistimos confortavelmente à encenação do ator que no palco se pavoneia. Quem é ele? O que tem a dizer? O mesmo. Somente o mesmo todos os dias. A cada temporada, os mesmos pontos e vírgulas, a mesma respiração, o mesmo aplauso de uma plateia que dorme durante o espetáculo. Filosofia!(?) Alunos e professores numa eterna representação de mentiras. Ambas as personagens de ações definidas. O que há entre o proscênio e a plateia? O fosso de uma orquestra esquecida: uma infinidade de músicos tocando uma diversidade de instrumentos silenciados pelo ego de um charlatão mascarado, o professor. Fim do primeiro ato.

Dona de uma linguagem rococó, a filosofia enclausura a si mesma, pois, no âmbito da comunicação, desconsidera o seu “receptor”. Vive monólogos. Uma preleção de filosofia é como um foco a nos cegar através do prolixo e do inacessível, quanto mais se fala, menos se aprende, pois ao invés de suscitar o interesse e a aproximação, reverbera a distância, enfatiza os limites e se estabelece o trono das vaidades onde o filósofo assenta não só o seu corpo, mas a sua arrogância real num mundo por ele mesmo criado – um mundo de intelectuais.

A metodologia aplicada ao ensino de filosofia assemelha-se a um receituário: no primeiro ano, uma dose de pré-socráticos; no segundo, uma dose de Kant; e no terceiro, uma revisão de tudo, só para garantir. Ah! “E pra não dizer que não falei das flores”, a velha discussão etimológica sobre ética: a diferença entre *éthos* com epsilon e *êthos* com eta. Prescrição perfeita aplicada a todos com o nome de filosofia, onde o merecedor ou aqueles que dispõem de condições vocacionais para compreendê-la recebem-na como uma hóstia (sem saber que são tão somente vítimas expiatórias).

Não se trata de negar a História da Filosofia, mas de abordá-la por meio de novas perspectivas. Renunciar o lugar de espera pela chegada do colonizador que nos livrará das trevas e da prisão corpórea e mundana que nos impede de ascender ao privilégio do pensamento. “*VLADIMIR. – Então, devemos partir?*” *‘ESTRAGON. – Sim, vamos.’ – Eles não se movem.*” (BECKETT, 2015, p. 99).

Dois personagens, aluno e professor, que se lançam numa espera infundável pela chegada de *Godot*, enigma sem forma e sem rosto, desculpa para o estado permanente das coisas. Ficção absurda? *Godot* é como uma fera contida num lampião cuidando para que ele próprio nunca se apague. Sua chama é mantida por nosso medo da escuridão, cuja luz impede o voo da Coruja de Minerva. Até que ponto filosofia é esclarecimento, se conserva em si o

medo infantil da escuridão e, por isso, se reveste de luz? Ah! A filosofia e suas “ignorâncias”... (BARROS, 2012, p. 7).

Ao perceberem sua derrocada num mundo tecnocrata, os filósofos se filiaram à ideologia do mercado por diversos motivos, entre eles, a vaidade. Negando o abismo de sua queda, prenderam fios no alto e embaixo de suas mãos, como que bonequeiros, a fim de permanecerem, ainda que como marionetes guiando marionetes - uma espécie de metamanipulação -, iludidos pelo poder. Coitados! Estão colonizados, por isso também colonizam. O que se percebe no momento atual da história, depois de tantas lutas para o fortalecimento da área filosófica em nosso país, é o seu inverso, seu enfraquecimento. Aquilo que nomeamos como colonização discernida. “Valha-nos, Princesa Isabel!”.

Verifica-se, portanto, a urgência em se tratar do ensino de filosofia e do lugar que tem ocupado em nossa sociedade tecnocrata, bem como sua manipulação ideológica em detrimento de sua possibilidade educacional emancipatória, pois, quando não democrática e acessível, presente no mundo e com o mundo, falseia-se, mascara-se, manipula e avilta a condição da liberdade humana. Em outras palavras, habita um corpo e uma terra que não lhe pertence. Desvelar a servidão da filosofia significa desvelar também a servidão dos homens. É preciso descolonizar a filosofia. Principalmente a filosofia brasileira que, segundo Gadotti (1980), segue como um mero reflexo da perspectiva europeia e acovarda os nossos filósofos na busca de sua libertação e, conseqüentemente, no auxílio à libertação do outro.

2 CONTROVÉRSIAS ARTICULADAS (SONHOS DESPERTOS)

Aqui suscitamos uma velha questão metodológica, há cisão entre filosofia e filosofar? Assim nos diz Gallo & Kohan:

[...] a própria prática da filosofia leva consigo o seu produto e não é possível fazer filosofia sem filosofar, nem filosofar sem fazer filosofia [...] porque a filosofia não é um sistema acabado nem o filosofar apenas a investigação dos princípios universais propostos pelos filósofos. (GALLO; KOHAN, 2000, p. 184).

Se filosofia não é um sistema acabado, por que dissociá-la de articulações possíveis? Filosofia é de-formação, é resistência, é não subordinação das diferenças à identidade, é articulação, criação de caminhos, proposição, criação de possibilidades para além do determinado, controvérsia, perspectiva não normativa, não docilizada, experimentação para além de, sonho, emaranhado rizomático. Isto e muito mais! A linguagem não dá conta da

filosofia, por isso “deve-se ler filosofia como se lê poesia, revivendo-a: ressuscitando-a, encarnando-a, emocionando-se com ela, reinventando-a” (ASPIS, 2004, p. 308).

Para se construir um ensino filosófico de filosofia e questionar sobre a filosofia do ensino de filosofia, é necessário se largar ao abismo do inesperado e da contingência, é preciso amar o desconhecido. Um professor que adentra em sala como um manual ambulante apenas reproduz sua prole, assim como Adão e Eva, e mais, toma de seus alunos a oportunidade da criação. É da vida mesma dos educandos que se deve partir uma aula de filosofia. Um professor-manual é um conservador, pois o medo é o antídoto da criatividade. No ensino, não há lugar para os covardes. Ensinar significa oferecer o seu corpo a outros corpos. Filosofia é antropofagia. É do outro que nos alimentamos, sem do outro nada retirar - pelo menos nada que lhe faça falta.

[...] um sujeito só se torna interessante, profundo ou válido quando ressoa com os outros, quando é efectuado, influenciado, posto em movimento por novas entidades cujas diferenças são registradas de formas novas e inesperadas. [...] a diferença é o que produz sentido [...] (LATOURE, 2008, p. 43).

A filosofia tem operado segundo um discurso puramente lógico-racional, mas tem sido suficiente? A racionalidade é capaz de açambarcar as dimensões mais significativas da existência? Ela é capaz de compreender um ser humano em sua inteireza, um jovem, um adolescente que vive suas primeiras experimentações amorosas, sexuais, experiências de afeto, amizade, e de relação com o meio social que os atravessa como uma flecha? E quanto aos mais velhos que após o labor dos afazeres, após anos sem estarem inseridos no sistema educacional, retomam os seus estudos no programa de *Educação para Jovens e Adultos* (EJA), durante o turno da noite? Já são avós, pais, mães, pessoas com vivências significativas. Devem elas suprimir toda a sua vida para personificarem uma realidade laboratorial no colégio – este cemitério de corpos sem sonhos?

E quanto aos docentes? Gostaríamos de saber o exato momento em que suas escolhas se tornaram um fardo. No Brasil – e isto é uma tristeza -, ninguém diz “Quero ser professor” e pronto. Vida resolvida. Quando assumimos a responsabilidade desse desejo, normalmente já presumimos suas consequências – e com isso não queremos justificar as condições insalubres às quais estamos submetidos pelo sistema educacional brasileiro, mas, se assim escolhemos, que realizemos nossa tarefa com convicção. O que nos leva a permanecer no exercício da docência quando já não acreditamos mais naquilo que fazemos? Antes mesmo da alvorada,

vestimos os nossos uniformes, tomamos o nosso café – porque professor sem café não é nada -, pegamos a condução lotada para chegar ao colégio e, finalmente, nos recobrimos de antipatia e poder de coerção para com os nossos alunos. O professor é um operário que todo dia aperta o mesmo parafuso. Apesar de estar cercado de vidas, foca-se apenas no conteúdo do seu trabalho - e “ai” daquele que atravessar o seu caminho. Qual é o sentido disso? Temos que ter cuidado para não nos tornarmos cúmplices da rotina que o mercado nos expõe.

A ruptura da filosofia para com o mundo, e não somente o seu contrário, tem muitos motivos. A relevância do projeto educacional, principalmente do professor de filosofia, como “experiência filosófica” (ASPIS, 2004, p. 305) encontra-se na importância da vida humana não subjugada, mas autêntica, porque auxiliada por uma filosofia sem grilhões, emancipada, verdadeiramente ligada ao contexto social, real e concreto da existência dos homens, que por muito tempo em nosso país estiveram desvalidos de sua condição criadora, construtora não de um projeto no papel, mas de uma proposta de vida que se reconhece inacabada, repleta de possibilidades e, portanto, essencialmente filosófica - porque a realidade em nada se distancia dela. O professor de filosofia é o filósofo que mais do que transmitir conteúdos, cria, juntamente com os alunos, a possibilidade do filosofar.

Filosofia não pode ser conformismo, espera pelo redentor, caule vertical que sustenta a copa das árvores. Filosofia é problema, movimento, estranhamento, proposição... Por isso não existe receita pronta para o ensino de filosofia, posto que ele seja não uma forma fechada e arbórea, mas um rizoma que se expande onde há espaço. Essa horizontalidade rizomática é condição de possibilidade para se ir além do fim do caminho pois, no fim, não existe caminho, mas caminhos; nem filosofia, mas filosofias. Ir além é vislumbrar o desconhecido, sentir o que nunca antes se havia sentido, experimentar e recriar a vida. Conhecimento é geração, catarse, devaneio, combate à normalidade, nunca universalidade. Filosofia é ação, é corpo, é criação! E na academia não aprendemos isso.

A academia é um muro que durante a nossa formação escalamos sem saber que ao final dessa etapa teremos que saltar na realidade. Quando olhamos para trás, o triste é perceber quantos não tiveram essa coragem.

CONCLUSÃO

É do labirinto da vida que nos comunicamos. E a comunicação pouco tem a ver com a palavra como verdade. Na dramaturgia de Beckett, Vladimir e Estragon não percebem que são eles mesmos o seu próprio fio de Ariadne, tal como os educadores brasileiros não se deram

conta de seu poder de proliferação de possibilidades educacionais criativas. Não nos deixemos guiar pela luz opaca do medo, o medo que conserva o preconceito e a ilusão de grandeza daquele que carrega o lampião. O velho discurso de racionalidade, bengala da filosofia, não se permite ser afetado pelas articulações do mundo. Quando em aula, nós professores procedemos como meros manuais, estamos gastando palavras sem qualquer proveito. Com os nossos alunos, devemos nos permitir ser afetados, pois é o afeto que nos faz agir. E a beleza da vida se faz presente no ensino quando as coisas adquirem sentido, quando você, como coisa, se vê repleto de possibilidades e, portanto, se descoisifica. E cada gesto, cada palavra, cada ação não será mais em vão, mas o resultado daquilo que se é ou se busca ser, sendo. E que pode a todo tempo se modificar durante o seu processo de existência.

É por uma filosofia do afeto que escrevemos. É por uma filosofia do afeto que fazemos.

Pensar a educação significa defrontar-se com o mundo e consigo mesmo, pois, no processo de construção de nossas identidades, manifestamo-nos num mundo dado, mas também em construção. Somos, por assim dizer, uma profusão de cosmos numa dialética de encontro e desencontro, um beijo entre o interior e o exterior, uma roda ao som de uma ciranda que nunca será de pedra.

Nossa proposição filosófica teve início na manifestação de desejos e necessidades, entre elas, a assunção do poder criativo e a compreensão da escola não só como ensaio para a vida real, mas como manifestação genuína da realidade. Há em nossa proposição um desvelamento: toda educação é política – não devemos nos perder no rio do esquecimento.

Quando a simples formalidade assume a posição mais elevada no espírito da educação, está minando o movimento, tornando inexorável e tomando para si a alma de nossa juventude – como um vampiro a beber o sangue de suas veias. Basta analisarmos o nosso cotidiano para verificarmos a abundância das insuficiências produzidas pelo modelo de nossa sociedade parasitária - infiltrada com sua máscara de bondade nos ambientes de formação para manutenção de nossa miséria.

A dimensão do sonho tem sido considerada como fundamental à formação de nossos jovens? A ideologia da competência abarca em si um pé de caramolas no pátio da escola, um espaço de diálogos, uma sala sem cadeados? As cicatrizes de nossa cultura e a colonização de nosso intelecto e corpo há muito tem representado uma ferramenta de dominação de nossas diferenças. Negando o poder criador e democrático da filosofia, padronizando e unificando o modelo escolar, temos apenas “*a* educação”, ou seja, não temos nada. Não temos nada porque

nada nela nos pertence, nada criamos, nada produzimos e nada humanizamos dentro desse modelo. Somos como o quadro ou o caderno em branco a ser preenchido pelos outros. Somos índios aceitando a cruz e largando as flechas, não porque temos medo de lutar, ou porque não lutamos, mas porque nos batizaram no Letes. Nossa amnésia reverbera numa ausência, a ausência contida no preenchimento de nossas vidas pelos conteúdos do trabalho. Mas à noite dormimos. É quando vislumbramos num átimo de segundo o que há de mais verdadeiro em nós, a vastidão do universo - não só um caminho, mas caminhos. O plural é sempre mais bonito. E percebemos que somos as trevas que propiciam o brilho das estrelas - mesmo que muito distantes de nós elas já tenham se apagado, seguindo o rumo de seu devir.

Como a luz das estrelas que demora anos para chegar ao nosso planeta, assim é a educação emancipatória, um projeto, porém um projeto que necessita ser presentificado em nossas ações, incorporado em nossas palavras, vivenciado em nosso cotidiano. Não devemos ser ingênuos, mas devemos ter esperança, pois o seu contrário é a maior arma que o modelo tem contra nós.

“Sonhar mais um sonho impossível” (CERVANTES, 2012), já dizia Dom Quixote. Um senhor que aos cinquenta anos – veja, o numeral se relaciona com o tempo de uma aula de filosofia, cinquenta – decide desbravar a natureza do dissidente, encarar os perigos da anormalidade. Um homem louco e patético, como nós educadores, disposto a enxergar a decadência de um modelo de sociedade que enforma ao invés de formar.

Para terminar, cabe um relato: entre os muitos sonhos sobre o futuro que já ouvi de meus alunos, há um em que uma menina da 1ª série do ensino médio sonha estar numa passarela da Fashion Week. Mal sabe ela que já se encontra num passadiço, a passarela da vida; um caminho de modelos anoréxicos que temem os moinhos de vento, pois se esquecem de que a vida é uma dialética entre passado, presente e futuro. Tudo é muito ligeiro, como se a função daquele ser que se pavoneia na artificialidade de uma identidade fosse apenas caminhar numa linearidade e contemplar um abismo, o fim da passarela, ou da vida. A plateia é quem assentada aplaude o modelo. Imagina que bonito seria se todos se levantassem para vaiá-lo...?

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Lima. Criar saídas e um ensino de filosofia. **ETD – Educ. Tem. Dig.**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 199-215, jan./jun. 2012. Disponível em:

<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1247>>. Acesso em: 01 de maio de 2017.

ASPIS, Renata Pereira Lima. O PROFESSOR DE FILOSOFIA: O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO COMO EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 01 de maio de 2017.

BARROS, Manoel. **O livro das ignoranças**. São Paulo: Alfabeta, 2012.

BECKETT, Samuel. **Esperando Godot**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote I**. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito**. São Paulo: Cortez, 2012.

GALLO, S.; ASPIS, Renata Lima. Ensino de filosofia e cidadania nas “sociedades de controle”: resistência e linhas de fuga. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 1 (61), p. 89-105, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v21n1/v21n1a07.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2017.

GALLO, S.; KOHAN, W. **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LATOUR, Bruno. **Como falar do corpo?** A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: *Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência*. Edições Afrontamento e autores, 2008.